

# José Roberto Santos Neves

## Ozzy, Ozzy...

*José Roberto Santos Neves*

neves-jose@uol.com.br

Já assisti a muitos shows internacionais: Iron Maiden, Metallica, Scorpions, Deep Purple, Rolling Stones, Rush, Judas Priest, Guns N? Roses, Oasis, Bob Dylan, Neil Young, Dio, Foo Fighters, Aerosmith, Red Hot Chili Peppers... alguns como fã, e outros já formado em jornalismo, o que me creditou a testemunhar eventos históricos, como aquele em que Jimmy Page, do Led Zeppelin, recebeu uma guitarra autografada do Iron Maiden para ser leiloada na campanha beneficente do Rock in Rio III, em 2001.

No último fim de semana, tive o prazer de incluir mais uma lenda viva a essa galeria: o mestre Ozzy Osbourne, fundador do Black Sabbath, diante de 30 mil fãs alucinados, em São Paulo. A aventura teve todos os ingredientes de uma liturgia geracional, a começar pela romaria de metaleiros que desceram na estação de metrô Portuguesa-Tietê em direção ao culto, digo, ao show, na Arena Anhembi. Eu e os primos Márcio Lacerda e Antonio Gil podíamos ter pegado um táxi, mas era mais "metal" ir a pé, cruzando a metrópole sob uma garoa fina que logo virou um toró daqueles.

Devidamente protegido da chuva com capas de plástico, o exército de preto apressou o passo ao identificar um ruído familiar: era Derrick Green, vocalista do Sepultura, sinalizando o começo do show de abertura.

Pouco antes das 21h30, com pontualidade britânica, surge Mr. Osbourne, precedido pela cantata "Carmina Burana", de Carl Orff. Todo de preto, ficou ali, parado, saudando a todos, sendo prontamente ovacionado aos gritos de "Ozzy, Ozzy". "Eu não consigo ouvir vocês, p...", provoca o mestre. É a senha para a banda iniciar a execução do petardo "Bark at the Moon", de 1983. Logo na terceira música, a atmosfera mística se acentua com a fúnebre introdução de "Mr. Crowley", sobre o ocultista britânico Aleister Crowley, considerado o maior mago do século XX.

Olho para o lado e vejo gente rindo, pulando, se abraçando, jovens, velhos, pais e filhos, todos unidos em uma comunhão de decibéis, afinal o personagem principal desse enredo tem hoje 62 anos, embora aparente mais. Algo muito importante estava acontecendo ali. Ozzy Osbourne comeu o pão que o diabo amassou para vencer na vida. Disléxico, foi alvo de bullying no colégio, nunca conseguiu ler um livro inteiro, tomou todas as drogas do mundo, foi preso por furto antes de completar 18 anos, trabalhou em subempregos - a função de que mais se orgulha é a de abatedor de vacas - e só descobriu sentido na vida após ouvir o disco "With The Beatles", em 1963. Está tudo em seu livro de memórias.

O show continua, a chuva aperta, mas ninguém parece se importar, pois a música que sai da aparelhagem é "War Pigs", do Black Sabbath, um dos últimos protestos contra a Guerra do Vietnã. Em solidariedade aos fãs ensopados, Ozzy ergue o balde que sempre leva ao palco e derrama a água sobre seu corpo. O público vai ao delírio e se diverte quando ele finge morder um morcego de plástico. O ritual caminha em ritmo crescente até culminar com o hino "Paranoid", de 1970.

Uma hora e meia havia se passado, e o homem que fez a alegria de gerações e aterrorizou seitas religiosas ao denominar-se "Príncipe das trevas" se despede do seu altar com a singela frase que profere há mais de quatro décadas: "Deus abençoe a todos vocês".

E assim voltamos para casa, abençoados e felizes, corpo e alma lavados.